

O EXERCÍCIO DA SABEDORIA DA LINGUAGEM

Ida Maria Santos Ferreira Alves

O receio da morte é a fonte da arte!
Ruy Belo

A oito de agosto de 1978 morria Rui de Moura Belo, o poeta Ruy Belo, português, quarenta e cinco anos, avesso a participações em círculos literários, contrário a qualquer manifestação de poder e, em suas próprias palavras, um poeta marginal, fora dos centros acadêmicos e das tertúlias literárias.

Raramente colaborei em revistas, publiquei os meus livros isoladamente, não devo ter influenciado ninguém, não tenho discípulos, nunca aspirei a ser chefe. [...] Antologias, recitais, traduções, citações? Como estou longe de tudo isso. O que espero é que me perdoem estar vivo e, sem pretender ferir seja quem for, mesmo medíocre, manifestar a minha opinião num caso ou noutro. [...] Marginal, profundamente marginal. O poder não me interessa. Não tenho mentalidade de chefe.²

Sua morte por edema pulmonar chegava, segundo narra Joaquim Magalhães, quando buscava concorrer a uma vaga de professor na Faculdade de Letras de Lisboa. Preenchia os formulários necessários quando sentiu-se mal, retirando-se para sua casa, em Queluz, onde veio a falecer.³

No Brasil essa perda certamente só chegou ao conhecimento daqueles que lidam mais diretamente com poesia portuguesa contemporânea e, hoje, mesmo entre esses, poucos são os que se dedicam à leitura desse poeta que é um dos mais importantes nomes para compreensão do processo poético português a partir da década de 60, como muito reconhecidamente registra a crítica portuguesa mais recente de Joaquim Magalhães, Fernando Pinto do Amaral e Nuno Júdice⁴. Homem de cultura, Ruy Belo era assumidamente

compromissado com um firme ideal ético que defendia a valorização do humano e rejeitava qualquer tipo de injustiça.

Na sua biografia destacam-se a angústia e a depressão pela não realização de seus projetos profissionais num Portugal provinciano, dominado por uma minoria muito ciosa de suas regalias e vantagens. Assim, viu-se mais de uma vez rejeitado para exercer o cargo de professor universitário, embora não lhe faltassem credenciais. Era doutor em Direito Canônico e licenciado em Filologia Românica pela Faculdade de Letras de Lisboa. Exerceu atividades profissionais burocráticas na área de Direito e Educação, foi Bolsheiro da Fundação Calouste Gulbenkian e, de 1971 a 1977, Leitor de Português na Universidade de Madrid. Ao voltar, com dificuldades financeiras para garantir a manutenção de sua família, empregou-se, em horário noturno, na Escola Técnica do Cacém, o que muito contribuiria, pelo esforço e desânimo, para agravamento do estado débil de sua saúde. Por outro lado, adorava futebol e afirmava, em entrevistas ou reflexões escritas, o prazer que essa “arte de ousadia e habilidade” lhe proporcionava, comprazendo-se, por exemplo, com a leitura de algumas crônicas esportivas nas quais reconhecia a elegância e harmonia de construção.⁵

Em 1961 publicou a sua primeira obra poética *Aquele Grande Rio Eufrates* pela mesma editora em que também estreava Herberto Helder. Conta-nos ainda Joaquim Magalhães que Ruy Belo “ao ver em provas na editora” *A Colher na Boca* de Herberto Helder, “teria sentido ser esse *o livro* e não o seu”⁶. 1961, ano bastante importante na trajetória da poesia portuguesa contemporânea, com a vinda a público de Ruy Belo, Herberto Helder e a publicação de um conjunto de *plaquettes* sob o título de *Poesia 61*. Iniciavam-se importantes transformações no discurso poético português contemporâneo que acabariam, na experiência de propostas diversas, por marcar os poetas dos anos 70, como João Miguel Fernandes Jorge, Nuno Júdice, Joaquim Manuel Magalhães, António Franco Alexandre, Helder Moura Pereira, Al Berto, Luís Miguel Nava e António Osório.

De 1961 a 1977, Ruy Belo escreveu muito (poesia, ensaios, crônicas) e publicou na medida do possível: em 1962, *Problema da Habitação — Alguns Aspectos*, livros de poemas que os livreiros desavisados colocavam na prateleira de questões jurídicas; em 1966, *Boca Bilingue*, explicando o poeta em entrevista que *bilingue é toda a poesia, não só na sua natureza de desvio em relação à norma que é a linguagem falada, como no particular aspecto que assume hoje em dia quanto ao problema da sinceridade*,⁷ em 1969, publica uma reunião de textos críticos e ensaísticos, *Na Senda da Poesia*, considerada como obra crítica da maior relevância para discussão sobre poesia e sobre o processo poético português moderno e volta à publicação de poesia com *Homem de Palavra[s]*, obra bastante representativa de seu compromisso literário e existencial; em 1973, continua com *Transporte no Tempo e País Possível*; em 1974, *A Margem da Alegria*; em 1976, *Toda a Terra* e, por fim, 1977, o seu último

livro, *Despeço-me da Terra da Alegria*, referindo-se à partida de Espanha, mas, numa triste ironia, título de despedida para seus leitores.

Num tempo marcado de um lado pela explosão metafórica de Herberto Helder, de outro pela escrita antidiscursiva, anti-subjetiva e centrada na palavra, forma autônoma do sentido poético, como demonstraram as produções poéticas de *Poesia 61* e mais radicalmente a produção da poesia experimental, os versos de Ruy Belo estabeleceram um espaço de diferença, sem pudor do poema longo, valorizando a construção frasal e a discursividade, assumindo uma subjetividade confessional e lamentosa, com reflexões que ultrapassavam a atividade formal para valorizar a vivência do quotidiano, com o gosto das emoções da existência individual. *A meio da tarde não sei porquê quando mais cadeiras se arrastam nos ladrilhos/ e há mais pessoas no pequeno café isolado na vizinhança do mar/ e eu a bem dizer já não sei que fazer das minhas duas mãos/ e dou graças a deus por serem não mais que duas porque senão/ é que não saberia mesmo o que fazer das mãos que tivesse/ mais ou menos a meio da tarde quando a dois passos já há um centro de sombra e/ há a minha pena de que haja vento e haja muitos dias à sombra/[...]»*⁸

A poesia publicada de Ruy Belo, desde 1981 reunida em dois volumes pelo Editorial Presença, fala-nos da solidão do homem urbano moderno, da difícil e complexa relação entre homem e Deus, da inevitável espera da morte que é uma luta constante contra o tempo. Seus versos buscam não a esperança impossível, mas compreender a existência num tempo de modernidade que nos oferece apenas a desilusão, a descrença e a inutilidade da razão. Nesse sentido, a memória é um esforço de sentido da vida e do mundo e uma forma de garantir a sobrevivência em meio à solidão e à passagem do tempo. Diz o poeta: [...] *A minha vida é como um certo corredor sombrio/ de tecto baixo e lúgubre dos lados/ com inúmeras portas mas fechadas/ e só lá muito ao fundo se divisa/ se é que se divisa uma janela/ que me promete árvores e relva/ e um mundo de verdura que perdi/ até porque em criança vastamente o conheci/ Homem no mundo sou homem no mundo sonho/ mas o mundo que querem para mim os homens/ o mundo que me espera às portas da cidade/ é um mundo sem homens é medonho [...]*⁹

Poética da melancolia, como analisa Fernando Pinto do Amaral,¹⁰ a escrita de Ruy Belo recupera a prosa trivial para apontar mais criticamente o espaço de carência social e existencial a cercar o sujeito lírico irremediavelmente só, sem perspectiva, sem Deus, sem a mulher amada, sem utopias. Esse discurso negativo e de impotência se sustenta com uma forte arquitetura poemática fundamentada no rigor da técnica versificatória e numa consciência clássica exercitada no fôlego do verso e poema longos e nas soluções métricas e rítmicas escolhidas. *Eu sou um fugitivo da catástrofe/ mulher que tens por nome solidão/ Envolto numa aura de tristeza/ alumbro com profunda voz de órgão/ obscuros territórios da imaginação/[...] / Passei aquela imensa*

*triste tarde/a ver pela janela os velhos plátanos/por fim a invencível claridade do verão e celebrei/ um honrado contrato com a solidão/ naquela ao fim imensa noite de cavalos/ à solta num novel jardim de nardos/ Comi melão já nos finais do verão/ quando aprendi a versificação latina/ e contemplei a minha solidão/ Cada dia mais próximos da morte vemos nela/ uma mulher de cabelo afinal comprido/ cava profundidade do silêncio [...]*¹¹

Outro aspecto a salientar é a relação conflituosa entre o sujeito lírico e a terra de origem, já que Portugal é, na poesia de Ruy Belo, a terra repudiada, injusta e pesada, terra sem vida, substantivo comum, de fraco sentido, na existência do Poeta. A memória social e individual se estabelece na negação, portanto, da pátria e da infância, lugar e tempo do vazio, da dor e solidão. [...] *Ah Portugal país sem pátria por trás/ cabo do mundo eterno fim do ano/ em ti me senti sempre encurralado/ como se lá no extremo fosse o meu último dia [...]; [...] Tragam-me tudo menos a infância/ a infância é um lugar de sofrimento/ o mais secreto sítio para a solidão/ Mas se é tudo o que têm para dar-me a luta corpo a corpo contra cada coisa/ quer ela assuma a viva víbora de um rio/ quer se congregue ou se corrompa como uma maçã/ quer ela enfim adopte a pérfida estratégia da manhã/ que me falem do mundo nunca da infância/ ou então que me dêem a infância hoje em dia/ e jamais hoje aquela infância então [...]*¹²

No entanto, todo discurso de morte irremediavelmente aponta a necessidade da vida e é a poesia uma forma de viver, uma forma de conhecimento do mundo e do ser, um liame entre o indivíduo e o mundo. Assim, como Jorge de Sena, também Ruy Belo reflete a realização poética como uma metamorfose necessária para suportar o viver num tempo e num lugar sem sentido. A arte é o resultado desse trabalho de metamorfose e a garantia de sobrevivência no tempo, uma vitória contra a morte. Em *Fundamentos da Universalidade da Palavra Poética*, Ruy Belo escreve que

*A palavra poética tem, [...], de vigorar para além da conjuntura que se verificou com o seu nascimento Tem de subsistir, muito embora as coisas sejam transitórias e morram. Tem de vencer o tempo. As vicissitudes por que passa resultam sempre da sua condição temporal. É filha do tempo, a sua vida tem de dar testemunho das circunstâncias que a viram nascer: E, no entanto, tem de vencer o tempo. Tem de poder ser dita na ausência da coisa que o tempo matou.*¹³

Contudo, além dessas reflexões breves sobre sua lírica, queremos evidenciar a importância da produção crítica e ensaística reunida em *Na Senda da Poesia* e do conjunto de outros textos de reflexão crítica também publicados no terceiro volume da *Obra Completa* de Ruy Belo, já referenciada. Nesses escritos o pensador afirma a responsabilidade da poesia como uma linguagem de conhecimento do homem e do mundo, exigindo um compromisso ético uma vez que a linguagem poética se oferece a pensar criticamente a vida, o indi-

íduo e a própria linguagem em busca da compreensão do *estar no mundo, estar para si e para os outros*. Desenvolve-se, em consequência, o *exercício da sabedoria da linguagem*, como muito repetidamente cita o poeta, exercício necessário para se reconhecer o que ainda resta sob as ruínas do tempo e da vida.

Talvez se possa entender a poesia como o exercício da sabedoria da linguagem, numa definição ampla, que porventura terá o mérito de contemplar o que de mais geral, de mais característico, de mais permanente ela contém. Por outro lado, linguisticamente, a poesia configura-se como a violação, o afastamento em relação a uma norma que é a linguagem usada nas relações habituais entre os homens. Há um certo carácter revolucionário inerente a toda a boa poesia e a revolta nos temas ou motivos pode facilitar um certo vigor que nunca deve deixar de existir ao nível da expressão. Mas, um pouco paradoxalmente, a melhor poesia, entre ela a poesia maldita, pode servir um ideal de comunhão entre os homens. Talvez nos seja lícito invocar a experiência pessoal para testemunhar que um poema como a ode de Álvaro de Campos, que começa: "Se te queres matar, porque não te queres matar?", pode em certos momentos restituir-nos a abalada confiança na vida. Porque onde duas almas se encontram alguma coisa repentinamente começa"¹⁴.

Essa produção crítica aborda temas fundamentais para a poética contemporânea como a questão da sinceridade, as relações intertextuais, a rede de influências entre escritores, a função do poético, a especificidade da linguagem poética e da crítica que busca compreendê-la. Reflete sobre a escritura e a leitura e preocupa-se sobremaneira com o que chama de "educação poética", ou seja, a disseminação do conhecimento literário porque a leitura de um poema pode significar a leitura de toda uma literatura; de novo, a nível do leitor, um exercício da sabedoria da linguagem.

Esse ensaísmo também tornou-se um paradigma para os poetas e novos críticos. Suas reflexões sobre o ato poético, a necessidade de uma escrita responsável técnica e eticamente estão em diálogo com a produção de poesia à sua volta, evidenciando em seus textos críticos o que alguns poetas estavam tentando demonstrar em suas práticas poéticas.

Em texto posterior a *Na Senda da Poesia*, intitulado *Um Poeta Explica-se*, o poeta confirma a sua crença de que a poesia é realmente um *exercício da sabedoria da linguagem*, servindo a um ideal de comunhão humana, ato solidário que deve ser ensinado a todos e vivenciado por todos. A verdadeira poesia de transformação da linguagem foi, por isso, sempre um ato moderno, porque representou uma ação de liberdade, uma luta contra o cerceamento e a estagnação históricos.

Coerente com suas opiniões, Ruy Belo fez da poesia um ato de sabedoria, buscando o sentido da vida na existência cotidiana do homem comum, constru-

indo no diálogo com os outros poetas e com a poesia um *território de palavras*, único espaço, parece-nos, que conheceu e percorreu com genuína alegria.

Notas

1. BELO, Ruy. *Obra poética*. (org. e posfácio de Joaquim Manuel Magalhães). 2 ed. Lisboa: Presença, 1990. v.2, p.296.
2. _____. *Obra poética*. (org. e notas de Joaquim Manuel Magalhães e Maria Jorge Vilar de Figueiredo). Lisboa: Presença, 1984. v.3, p.276-277.
3. Cfe. MAGALHÃES, Joaquim Manuel. Ruy Belo. In: _____. *Os dois crepúsculos* — sobre poesia portuguesa actual e outras crónicas. Lisboa: A Regra do Jogo, 1981. p.145-156.
4. Cfe. _____. *Um pouco da morte*. Lisboa: Presença, 1989. p.145-174; AMARAL, Fernando Pinto do Amaral. *O mosaico fluido — modernidade e pós modernidade na poesia portuguesa recente*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1991. p. 49 e JÚDICE, Nuno. Ruy Belo: da linha ao círculo. In: *O processo poético*. Lisboa: Imprensa Nacional — Casa da Moeda, 1992.
5. Cfe. BELO, Ruy. Op. cit., 1984. p.237-240.
6. MAGALHÃES, Joaquim Manuel. Op. cit. 1981. p.149.
7. BELO, Ruy. Op. cit., 1984. p.29.
8. _____. Op. cit., 1990. p.168.
9. Idem, p.226.
10. AMARAL, Fernando Pinto. No limiar da Terra da Alegria — alguns aspectos da melancolia na obra de Ruy Belo. In: _____. *Na órbita de saturno*. Lisboa: Hiena, 1992. p.91-106.
11. Belo, Ruy. Op. cit. 1990, p. 303-305.
12. Idem, p.27 e 225.
13. Idem, Op. cit. 1984, p. 69-70.
14. Idem, p.89-90.